SENADO FEDERAL

REQUERIMENTO
Nº 799, DE 2005

Requeiro, nos termos dos arts. 210 e 222 do Regimento seja encaminhada à família de Jean Charles De Menezes a nossa manifestação de solidariedade e pesar pela sua morte em condições brutais e dramáticas, ocorrida na cidade de Londres, Inglaterra devido a precipitação e erro confessadamente cometidos pela por policiais ingleses, bem assim a transcrição nos Anais do texto anexo intitulado "Tragédia em Londres" que fundamenta o presente Requerimento.

Sala das Sessões, em 26 de julho de 2005. – **Marcelo Crivella.**

Tragédia em Londres

Marcelo Crivella*

O passageiro Mark Whitby estava na estação de metrô de Stockwell quando a polícia atirou no brasileiro **Jean Charles de Menezes**, na manhã de sexta-feira, 22. Ele contou à BBC que viu "um homem de aparência asiática" receber cinco tiros de "três policiais à paisana".

O senhor Mark Whitby não podia ser mais claro. Em rápidas palavras descreveu a covardia de três homens armados liquidarem um sujeito desarmado e que, apavorado, tentava escapar.

Todos nós ficamos horrorizados com os atentados de 7 de julho. Lamentamos profundamente. No entanto, é preciso cuidado para que a ação policial não se efetue da mesma forma terrorista a que combate.

Será que os policiais não perceberam que a vítima não se evadia, mas fugia, e deles? Sim, simplesmente fugia, porque os policiais não estavam devidamente identificados. Estavam sem uniforme. Ora, será que os policiais não concluíram que, se fosse um terrorista escondendo um colete de bombas, já o teria acionado durante a fuga? E não perceberam que não havia colete de bombas nem sequer no momento em que estavam por cima do rapaz, mantendo-o imobilizado?

Essa tragédia mostra até que ponto pode chegar a insensatez da violência do Estado. O orgulho britânico está ferido com os atentados terroristas de 7 de julho, e isso se torna um perigo público à medida que, como se vê, há um bando de policiais tipo 007, à paisana, com licença para matar, querendo lavar a honra britânica a sangue, inocente ou não.

É a mesma insensatez que explodiu bombas no Iraque sem nunca apresentar justificativas para isso. E, pior, julgava-se que, ainda que não existissem as tais bombas químicas de destruição em massa, a destituição de Saddam desmobilizaria grupos terroristas que ele supostamente financiava. Desde 11 de

setembro de 2001 assistimos estarrecidos a uma crescente onda de violência, com ataques covardes que atingiram aos Estados Unidos da América, à Espanha, ao Egito e, agora, à Inglaterra. Isso para não citar os atentados terroristas no Iraque pós-guerra, vitimando principalmente civis e soldados das forças ocupantes.

Esse emigrante brasileiro, trabalhador, eletricista, estava com pressa para ir ao trabalho. Claro, tinha medo. É natural que isso ocorresse porque, dias antes, quatro bombas explodiram e, no dia anterior, outras quatro quase explodiram. No momento em que corria, queria é se ver livre dos perseguidores que para ele bem podiam ser terroristas. Se soubesse que eram policiais e se eles estivessem uniformizados, como se espera em um país civilizado, não teria razão nenhuma para fugir. Não era criminoso. Ele só queria continuar sua vida, ir para o trabalho, um lugar em paz no trem, para se sentar como um mero desconhecido, mais um na multidão, como sempre fazia. Mas o mataram impiedosamente.

O Jean saiu do Brasil, da sua Minas Gerais, porque aqui eletricista não encontra mais emprego com salário digno. E sabem por quê? Primeiro, porque privatizamos nosso setor elétrico e, com isso, exterminamos milhares de empregos que existiam em dezenas de fábricas de componentes que hoje são importados da China e de outros países. Segundo, porque o dinheiro arrecadado na privatização foi para os rentistas do sistema financeiro em forma de juros da dívida pública em um sistema de transferência de recursos de pobre para rico, idealizado, principalmente, pelo pensamento neoliberal inglês.

Esse sistema tem sido responsável por uma brutal e crescente concentração de renda nos países que o adotam, como o Brasil, e o aumento da desigualdade social assim gerado faz crescer os índices de violência num processo circular de causa e efeito.

A declaração do Chefe de Polícia, Ian Blair, para justificar o fato de três policiais à paisana darem cinco tiros na cabeça de uma vítima desarmada, mantida deitada no chão e imobilizada, isto é, a explicação para a lógica de atirar covardemente primeiro para depois perguntar, é de um cinismo revoltante:

"Eles *(os policiais)* têm que ser assim (*atirar na cabeça do suspeito)* porque não faz sentido atirar no peito de alguém, se é lá que provavelmente a bomba está",

explicou. "Não faz sentido atirar em qualquer outro lugar, quando eles podem cair e detonar a bomba."

Pergunto-me: se fosse o filho dele, caçado, imobilizado e assassinado com cinco tiros na cabeça, teria ele a mesma versão?

Como presidente da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito que investiga a emigração ilegal, estou muito preocupado com a situação dos brasileiros que vivem no exterior. Esse fato em Londres mostra a barbárie a que eles podem estar sujeitos. O Governo e o Congresso Nacional têm o dever de exigir justiça. E justiça, muito mais que indenização, é a punição dos 007 assassinos e do chefe deles, Ian Blair, na melhor das hipóteses, doublê do inspetor Clouseau.

Marcelo Crivella, 47, é senador da República (PL-RJ), líder do Governo no Senado e presidente da CPMI da Emigração Ilegal

Publicado no **Diário do Senado Federal** de 27 - 07 - 2005